

RESENHA

BORGES, Valdir; ALCÂNTARA, Luiz Alberto de; SALES, Marcelo Araújo. **Antropopedagogia: trazer o ser humano para o centro do debate pedagógico à luz de Paulo Freire, Edith Stein e Bernard Charlot.** Curitiba: CRV, 2025. 136 p.

Idanir Ecco¹

¹ Mestre em Educação – UPF/RS. Professor da URI – Erechim/RS. Contato: idanir@uricer.edu.br

Do que falam os jornalistas e os políticos quando falam da educação? Do mercado, do bom emprego, da formação profissional, do trabalho. Não da felicidade, do valor do ser humano ou da grandeza da espécie humana.
(Bernard Charlot)

Uma das marcas da sociedade contemporânea é a lógica mercadológica em que se promove, não raras vezes, desmesuradamente, a concorrência, o desempenho, o individualismo, o eficientismo, a mercadorização, a coisificação... Esta prática, característica do mercado econômico atual, influencia dimensões da vida humana social. Observa-se, sem adotar uma postura investigativa científica, indivíduos em seus contextos de atuação, competindo (não raras vezes com incentivos) entre si por recursos e oportunidades, pela necessidade de reconhecimento, pela exigência social de sucesso, entre outras razões, e sendo prestigiados pela eficiência, pelos resultados produzidos e pelo que consomem.

A valorização da pessoa humana pelo seu desempenho enfraquece ações pautadas pela colaboração e pela solidariedade. No âmbito educacional a cultura da competição entre estudantes e entre instituições é fato incontestável revelando que a centralidade dos processos de formação não é o ser humano na sua integralidade.

A obra, referência para esta resenha, de autoria dos pesquisadores¹ Valdir Borges, graduado em Filosofia, Matemática e Teologia, Mestre em Filosofia, Doutor em Educação (PUCPR), Luiz Alberto de Alcântara, licenciado em História e Mestre em Educação (PUCPR) e Marcelo Araújo Sales, Mestre em Teologia (PUCPR), constitui-se num chamamento, num apelo para que seja reintroduzido, no centro do debate e da reflexão pedagógica atual, a formação integral do ser humano.

A produção literária em questão, resultado de pesquisa bibliográfica e escrita a “seis mãos”, estruturalmente, está organizada em três capítulos, antecedidos por um texto de apresentação, seguidos por Índice Remissivo e por informações relacionadas às credenciais dos autores.

Na Apresentação, o professor Dr. Valdir Borges, além de anunciar brevemente o conteúdo sistematizado, afirma, auspiciosamente, que o desejo dos autores, com esse escrito, consiste em “[...] conscientizar a todos [...] da

urgência dessa reflexão, de colocar de novo, a questão antropológica em educação, do contrário, incrementar-se-á a barbárie, que é o oposto da educação” (p. 12).

O primeiro capítulo, intitulado “A Pedagogia da Humanização e humanização da pedagogia em Paulo Freire: reintroduzir o ser humano no centro do debate educacional no século XXI”, “[...] trará o ser humano ao centro do debate educacional, à luz dos escritos do educador brasileiro, Paulo Freire” (p. 13), a partir da pedagogia humanizada e humanizadora, proposta pela Andarilho da Esperança, cujo objetivo primordial é combater e deter a barbárie que promove a desumanização.

Argumentam que a pedagogia humanista freireana fundamenta-se no diálogo emancipador e se alicerça na vocação ontológica e histórica do ser humano, que consiste no Ser Mais, e afirmam: “A *pedagogia do ser mais* é o processo de humanização, por excelência [...] dado a incompletude e o inacabamento humano [...]” (p. 23, grifos dos autores). E no ínterim desse processo demonstram que a esperança (do verbo esperar) é a força motriz da história porque não permite atitudes de acomodação, de resignação. Apresentam, no final desse capítulo, razões, justificativas, evidências e fundamentos considerando “A esperança freireana e suas implicações com a *utopia*, o sonho e o *inédito viável*” (p. 32, grifos dos autores), na perspectiva da viabilização de uma educação humanizadora e humanizante (uma antropopedagogia), como propósito de fomentar um processo de conscientização.

A segunda parte, que tem como título, “A antropopedagogia de Edith Stein na formação integral do ser humano como um novo paradigma para a educação do século XXI”, conforme os autores, “[...] é fruto de um estudo a respeito da cosmovisão pedagógica de Edith Stein diante da percepção do seu contexto histórico-social que era o desleixo com o ser

humano, devido a uma visão fragmentada [...]” (p. 52). Expõem, inicialmente, um breve relato sobre o conjunto da vida e da obra da husserliana (de ascendência judia, pereceu nos horrores nazistas), do seu contexto histórico social, bem como das suas contribuições para a Educação, à Pedagogia, com ênfase na formação integral do ser humano e como “[...] uma filha da fenomenologia de Husserl [...] desenvolveu uma filosofia totalmente original chamada, a *Filosofia do Ser* [...] que fundamenta uma antropopedagogia para o século XXI [...]” (p. 56, grifos dos autores).

Demonstram que o pensamento steiniano, a respeito da formação do ser humano, fundamenta-se em “[...] uma *antropologia integral* que considera todo o ser humano, em todas as suas dimensões [...]” (p. 60, grifos dos autores). E nesse contexto enfatiza que é compromisso educacional do pedagogo(a) conhecer o educando para, assim, auxiliá-lo no desenvolvimento de suas potencialidades, visto que compreende, esse processo, como ato de educar. Afirmam, a partir de Stein, a importância da dimensão comunitária no processo educativo, uma vez que: “Na comunidade estão todos os elementos que contribuem para a formação da pessoa humana [...]” (p. 68).

Encerram o segundo capítulo explicando, interpretando a “Visão de Edith Stein e a formação do ser humano” (p. 70), argumentando a respeito da assertiva de que toda a formação humana é autoformação. Salientam, à vista disso, a importância fundamental do sujeito (educando) no processo formativo, pois “[...] toda a pessoa que almeja crescer, primeiro tem que compreender que ela deve colaborar nesse processo formativo e ser a principal protagonista” (p. 71). Em suma, o educando precisa querer e colaborar para a atualização do conjunto de suas qualidades, de suas faculdades naturais. Diante disso, entendem, a partir de Stein, que o pedagogo(a) deva adotar um olhar individual (empatia) em

relação aos seus pupilos, isto é, considerar o educando na sua individualidade, identificando seu potencial, seus dons, seus talentos em prol do seu desenvolvimento integral, da sua evolução pessoal. Portanto, a filósofa e educadora, martirizada na câmara de gás de Auschwitz-Birkenau, em 1944, com sua visão pedagógica, humana e inclusiva, “[...] nos oferece um caminho que responde aos tempos de hodiernos marcados por desencontros, falta de diálogos e ameaças ao retorno da barbárie” (p. 79).

A terceira e última parte do livro em questão, designada de “Uma antropopedagogia para o século XXI à luz de Bernard Charlot”, propõe “[...] uma *pedagogia da resistência*, que ancorada na ética da vida, na escuta, na esperança e no diálogo, traga de novo para o centro da pedagogia, o ser humano” (p. 86, grifos dos autores). Por conseguinte, apresenta uma antropopedagogia crítica “[...] como uma nova hermenêutica do ato de educar” (p. 85), sobrepujando o debate entre a pedagogia “tradicional” e a “nova” para discutir temas desafiadores atuais como por exemplo: novas tecnologias, ciberbárie, inteligência artificial, ecologia... Essa proposta, fundamentada no pensamento de Charlot, que foi um importante sociólogo da educação e teórico das Ciências da Educação, configura-se como uma alternativa à situação atual da educação transformada em algorítmicos, plataformas digitais, tecnificação, em suma, influenciada pela lógica do mercado que se sobrepõe ao ser humano, elemento axial do ato de educar.

Considerando as proposições educacionais charlotinianas, os autores argumentam acerca da necessária reinvenção da escola, concebendo-a como “[...] não apenas um lugar de aprendizado, mas “[...] um espaço simbolicamente de resistência e reconstrução de laços, em que a existência humana é plenificada no cerne do processo pedagógico [...]” (p. 88), superando, assim, a pedagogia da performatividade, guiada pelas lógicas

mensuráveis, que conduz à desumanização dos entes escolares. Portanto, na visão antropopedagógica, a escola é concebida como “[...] um lugar de sentido da existência humana, de reconstituição da totalidade do ser, em todos os aspectos, em que o aprendizado é um constante recriar-se no mundo, refazendo, reconstruindo e mudando a história” (p. 93). Advogam o ato de educar para além da formação de competências, de metodologias ativas ou de especializações técnicas.

Apresentam, mesmo que sucintamente, contribuições filosóficas e pedagógicas para uma antropologia crítica contemporânea de autores comprometidos com uma educação e uma pedagogia humanizadora, em que menciona aportes, além de Bernard Charlot, de Paulo Freire, de Edgar Morin, de Maria Cândida Moraes, de Boaventura de Souza Santos e de Hannah Arendt, em razão de que: “Todos esses autores [...] concordam em ponto fundamental: a educação não é uma questão de procedimento técnico, um aparato burocrático ou um dispositivo funcionalista de adaptação social” (p. 99). Reafirmam, insistentemente, que a reinvenção da escola, bem como dos fazeres didático-pedagógicos, seja movida pela pedagogia do encontro dialógico, alimentada pelo sentido freireano do verbo esperar com coragem, clareza, compromisso... e desafiada por uma interrogação fundamental: “Que ser humano queremos formar?” (p. 119).

A obra reveste-se de suma importância no contexto educativo e formativo atual pois recoloca o ser humano como fundamento e finalidade das práticas pedagógicas e contextualiza, isto é, relaciona conceitos antropológicos e filosóficos com o cotidiano educacional atual desafiando, esperançosamente, à implementação de ações educativas na perspectiva da formação integral do ser humano, à luz de uma concepção humanizada de educação. O reconhecimento do mérito da referida publicação, justifica-se, também,

pela articulação das contribuições teóricas dos pensadores Paulo Freire, Edith Stein e Bernard Charlot, mesmo pertencentes a tradições intelectuais e tempos históricos diferentes, afirmam a educação como processo de humanização, demonstrando, assim, a viabilidade e a urgência de uma antropopedagogia. Comunga-se com os autores que a relevância dessa sistematização consiste, principalmente, em expressar-se num auxílio na contenção da barbárie, considerada o oposto da educação.

A escrita revela confiabilidade das informações apresentadas, pela qualidade das fontes que lhe dá sustentação e pelo conhecimento aprofundado, demonstrado pelos pesquisadores, em relação à temática central da reflexão. No entanto, constata-se ao longo dos três capítulos, repetições de termos, de ideias e de afirmações, assim como, erros de grafia e de digitação. Ressalta-se que essa situação não compromete a qualidade e a fluidez da comunicação e da clareza textual.

Recomenda-se a leitura da obra aos profissionais da educação que atuam, predominantemente, com formação humana, pois oferece subsídios teóricos relacionados aos

fundamentos da educação na perspectiva da formação integral do ser humano (educando) alicerçada no pensamento humanista. Entre o público alvo, seguramente, relacionam-se: docentes da escola básica ao ensino superior, por ser uma referência para refletir sobre o planejamento e implementação de estratégias didático-pedagógicas, em seus contextos de atuação; equipes diretivas das instituições escolares, em razão de que encontrarão, na obra, elementos orientadores para elaboração ou para a revisão de Projetos Políticos Pedagógicos, como também, para a organização dos espaços escolares; acadêmicos, especialmente aos das licenciaturas, pelo significativo embasamento teórico a respeito da formação de escolares, da promoção da aprendizagem e da construção da relação educativa. Em síntese, é leitura indicada para todos os que almejam recolocar o Ser Humano no centro das iniciativas educativas e educacionais atuais ou, nas palavras do Prof. Borges, “[...] àqueles que se opõem a uma educação que se curva à ética do lucro deste sistema capitalista neoliberal, de uma economia que transformou a educação em mercado, em que somos transformados em meros números [...] em plataformas digitais” (p. 11).

NOTA

¹ Os três autores da referida publicação são estudiosos, pesquisadores e comprometidos com a educação, tendo como foco a formação integral do ser humano, pois compreendem isso como especificidade didático-pedagógica-educacional. Borges e Sales, ambos são professores e concomitantemente, exercem o Ministério Pastoral. Alcântara atua primordialmente como gestor de projetos públicos voltados à elaboração e atualização de Planos Municipais nas áreas da Educação.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valdir; ALCÂNTARA, Luiz Alberto de; SALES, Marcelo Araújo. **Antropopedagogia:** trazer o ser humano para o centro do debate pedagógico à luz de Paulo Freire, Edith Stein e Bernard Charlot. Curitiba: CRV, 2025. 136 p.